

CORREIO DOS VINHOS... & petiscos

WINE & TITBITS POST



nº7 | Nov. / Dez. 2013

Número sete • trimensário newsletter • Director: Álvaro Vale



Vinhos europeus versus Painéis solares chineses

UM RESUMO DA CRISE SINO-EUROPEIA QUE JÁ PASSOU...

A crise do Verão de 2013 à volta dos painéis solares chineses versus vinhos europeus deixou em suspense exportadores e alguns pequenos produtores e intermediários que dão os primeiros passos no realíssimo Eldorado asiático. A UE exporta 764 milhões euros em vinhos, contra os 20,6 mil milhões euros em painéis importados da China. _____ **04**

Fenómeno BRICS e o vinho global

À medida que as suas economias crescem, os países Brics desenvolvem uma classe média, com alguma cultura e formação, o que lhes outorga hábitos de bom gosto, que normalmente eram apanágio do Ocidente, nomeadamente da Europa. E nisto estão implicitamente os bons vinhos! _____ **03**



Rioja vence Wine Spectator 2013 e Porto Croft (2011) em 13º

Um vinho espanhol de Rioja (2004) averbou o 1º lugar dos 100 melhores vinhos 2013 da revista americana Wine Spectator, considerada a "bíblia" do sector. Dois vinhos portugueses Porto Croft (2011) e Quinta do Passadouro (2010) ficaram respectivamente em 13º e 37º lugares. _____ **14**



Vinho/ Azeite h'Our

Na sua quinta no Douro, em Barcos, Tabuaço, João e Joana, produzem tinto e branco, e também azeite, fazendo jus ao tradicional azeite de Trás-os-Montes e Alto Douro. _____ **02**

Tertúlias & boa vida :

- Fernando Dacosta fala de Natália Correia. _____ **11**
- O tinto do ano na Mercearia Mimosa, um espaço cultural no bairro da Lapa, em Lisboa. _____ **15**

Tony Fernandes



Empresário de origem indo-portuguesa, com sucesso na aviação comercial e destacado pela revista Forbes Asia. Actualmente é accionista maioritário do clube inglês Queen's Park Rangers. _____ **10**

VINDIMAS 2013:

Portugal.....6,7 M hectolitros
França44,5 M hl
U E163,9 M hl
Mundo.....281 M hl _____ **06**

Enoturismo e capacidade empresarial

O produtor com alguma dimensão não pode limitar-se à função comercial e estar apenas focado nos compromissos externos. Deve variar o seu core business (o segmento de negócio) para uma coisa chamada enoturismo e desenvolvimento regional, ajudando a criar mais empregos e mais riqueza. _____ **13**



O Mercado dos Vinhos do Campo Pequeno, que decorreu na arena da monumental praça de touros lisboeta, subordinado ao tema "Pequenos produtores / Grandes descobertas", registou nos três dias do certame 12 mil visitantes, captando os turistas que demandam Lisboa. Os dois euros cobrados à entrada eram posteriormente descontados em compras realizadas.

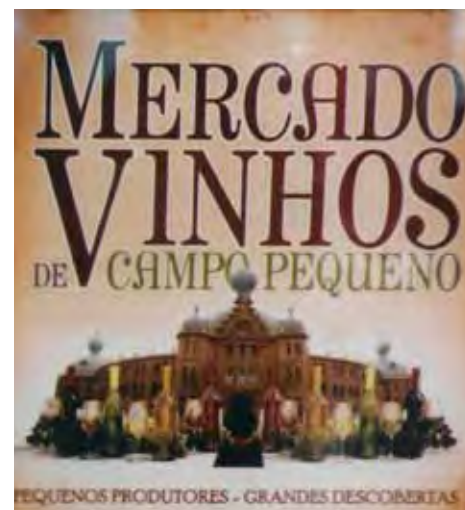
A taça para provar os vinhos custava 3 euros...e em exposição também enchidos, belos queijos e até bolos artesanais, que deram um toque de feira

E se era essencialmente uma mostra de pequenas produções de vinho e azeite a descobrir, nós acrescentaríamos o epíteto de 'Grandes vinhos', onde avultaram os chamados vinhos de Inverno, de altas graduações, mais destinados a acompanhar pratos de carne ou queijos de grande densidade, em dias frios à lareira numa casa de campo ou na aldeia; seja inclusive nas regiões serranas ou de planalto, onde os climas são bem mais fresquinhos e convidativos a uma sopa quente à noite e um bom vinho tinto. De facto,

Campo Pequeno: à descoberta de grandes vinhos e tradições

no ar ficaram os sabores, uma prevalência de vinhos com 14 graus, 14,5 e até 15 graus, bem encorpados, como por exemplo vinho que se está a fazer na zona de Silves, pela Paxá Wines, a recuperar terroirs de outros tempos ou de outrora quando a Shilbe árabe era capital ocidental do Al Andaluz, terra de Al Mutamid, o poeta-rei, último da dinastia dos Abábidas, fundada por seu avô Bin Abbad (1). É na Quinta do Outeiro, a sudoeste de Silves que se produz cinco vinhos, onde predominam as castas Syrah, Alicante, Bouschet, Touriga Nacional, Aragonez e Trincadeira, para os tintos, a ter em conta.

Outros vinhos mais leves fomos encontrar, como o Casal de Santa Maria da Adraga, um belo tinto de 13 graus, de Colares, Sintra, a um preço módico de 5 euros a garrafa. O que mais atrai, não é só o facto de o vinho de Colares estar em recuperação, após anos de esquecimento desta região; mas também por ser propriedade de um respeitável



barão estivera ali há poucos minutos. Lamentámos não ter a oportunidade de o conhecer, não pelo exotismo da sua idade, mas pelo dinamismo e por menor de aos 90 anos ter decidido produzir vinho na sua quinta, e sobretudo pela riqueza memorialista ao longo de todo o século XX.

Projecto do Douro in h'Our

Esta pequena reportagem ficaria incompleta, se Correio dos Vinhos não falasse de um jovem casal, que lançou no Douro a marca h'Our de vinhos e azeites, João Nápoles de Carvalho e sua mulher Joana Pratas, pessoa bem conhecida dos jornalistas destas andanças, pois ela também profissional da comunicação, com a tarefa de nos manter a par das agendas, calendários de eventos e iniciativas do sector.

Na sua quinta de Douro, em Barcos, Tabuaço, João e Joana, produzem tinto e branco, e também azeite, fazendo jus ao tradicional azeite de Trás-os-Montes e Alto Douro. Gostámos francamente do vinho branco, a 7,10 euros a garrafa. Colheita 2012, trata-se de um DOC Douro, feito a partir de uvas velhas, das castas Códega, Rabigato, Viosinho e Verdelho, plantadas em cotas situadas entre os 450 e os 550 metros de altitude. Já o tinto (2010), apresenta uma mistura das castas velhas com Touriga Nacional e Sousão. Quanto ao azeite, ao preço de 5,50 euros, é produzido de oliveiras centenárias locais, de azeitonas Cobreiros, Madural, Negrinha e Verdeal.

(1) Não confundir a dinastia dos Abássidas (de Bagdade) com os Abábidas, esta fundada por Ibn (ou Bin) Abbad, cadi ou juiz, que declarou Sevilha um reino separatista de Córdova no século XI. Sucedeu-lhe seu filho Al-Mutamid, que alargou o reino a Huelva, Mértola, Silves, todo o Algarve até Lisboa. Seu filho Al-Mutamid fez de Sevilha uma capital cultural, chegando a conquistar Córdova. Mais tarde, após batalha de Zalaca, Al-Mutamid seria feito prisioneiro e levado para Marraquexe, onde passaria o resto dos seus dias.



O casal João Nápoles e Joana Pratas lançaram em boa hora o projecto de vinho e azeite h'Our.



O barão Von Bruemmer tem 102 anos, mas só começou a produzir vinho na sua quinta de Sintra depois dos 90.

alemão com 102 anos de idade, o barão Von Bruemmer, que aos 90 anos decidiu fazer vinho, ali mesmo na sua quinta, a dois quilómetros da praia da Adraga e do Cabo da Roca, o ponto mais ocidental da Europa.

Um homem, que viera para Portugal por receita médica, para se dedicar à criação de cavalos árabes. Só esta história humana, do perfil deste produtor, que assistiu na sua meninice e juventude à queda de impérios e monarquias, a revoluções que baldearam a Europa e o mundo, é só por si aliciante. Ficámos a sabê-lo quando chegámos à banca do Campo Pequeno, onde nos dizem que o



O Fenómeno BRICS e o Vinho Global

O termo BRIC reporta-se a 2001, quando Jim O'Neil, da Goldman Sachs usou o termo para se referir ao Brasil, Rússia, Índia e China, só mais tarde apareceria a África do Sul, adicionando o S de South Africa à sigla. Os cinco países são agora a quarta economia do mundo fora dos países da OCDE, considerados os países ricos.

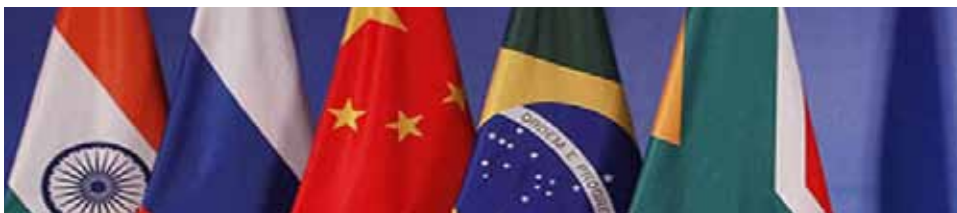
À medida que as suas economias crescem, os Brics desenvolvem uma classe média, com alguma cultura e formação, o que lhes outorga hábitos de bom gosto, que normalmente eram apanágio do Ocidente, nomeadamente da Europa. E nisto estão implicitamente os bons vinhos!

A China tem uma classe média de 150 milhões de pessoas, que subirá em 2020 para 500 milhões e em 2030 para mil milhões. Classe média, aliás, que é o sonho dos dirigentes chineses, como afirmou o presidente Xi Jinping e o primeiro-ministro Li Keqiang, quando este ano anunciaram reformas nesse sentido, para aquela que é a segunda economia do mundo, depois dos EUA. Do programa faz parte tirar da pobreza em dois anos 80 milhões de pessoas, ou seja 8,5 % da população activa da China. Por seu turno, a Índia tem uma classe média de 300 milhões de pessoas, mercado para o qual também se deverá estar atento.

Com a ascensão e consolidação das suas economias, os Brics tornaram-se mercados atractivos para os produtores de vinho, mas também os seus vinhos começam a aparecer nas suas próprias lojas. Veja-se que em 2007, a China era o 6º maior produtor de vinho, segundo a OIV, mas um vinho que deixa muitas dúvidas em termos de qualidade, e que levou a presidente da OIV, a argentina Claudia Quini a declarar que os chineses têm de se disciplinar e reorganizar a sua produção, ou seja, reorganizar toda a sua fileira vitivinícola.

Chineses consomem 300 milhões garrafas/ano

Por outro lado, a Quinta dos Abibes era Os chineses consomem 300 milhões de garrafas por ano, sendo o quinto maior mercado mundial em termos de consumo de vinho, à frente do Reino Unido. E veja-se, que com o crescimento da tal classe média chinesa, duplicou desde 2007, atingindo este ano os 150 milhões, número que em 2020 será de 500 milhões. Portanto, os empresários vitivinícolas ou os produtores portugueses deverão, sem hesitações, organizar-se na mesma proporção, plantando novas vinhas, estudar o paladar dos chineses, e combinar as castas mais condizentes com a cultura do antigo Império do Meio. Na perspectiva mais lógica surgirão parcerias luso-chinesas, visto que já se regista a aquisição de algumas quintas por parte de empresários chineses, que pretendem... explorar pedreiras e ro-



chas ornamentais, e ao mesmo tempo produzir vinho e azeite. Os dados estão lançados e os produtores portugueses terão de ter uma estratégia empresarial, se possível diversificando o seu core business, isto é, tentando fazer dois em um, vinho e azeite, ao mesmo comprador, seja chinês, russo, indiano, brasileiro ou angolano. E note-se que Angola a médio prazo será um futuro produtor de vinho, e podendo também produzir azeite no Namibe, conforme o Correio dos Vinhos noticiou em anteriores edições.

Os chineses não apreciam o vinho branco porque simboliza a morte, preferem o tinto misturado com sumo. Daí darem preferência aos vinhos da África do Sul, que são especialmente frutados. A África do Sul exporta 43 % dos seus vinhos para a Europa, mas a recessão nalgumas economias europeias, obriga a procurar outros mercados, sendo a China um caso potencial. E note-se que a China para satisfazer as pretensões da sua classe média vai precisar de vários países fornecedores, para garantir a qualidade através de uma concorrência salutar.

Em 2012, A China importou mais de 430 milhões de litros de vinho, dos quais 2/3 da Europa. Estes dois terços oriundos União Europeia representaram 730 milhões de euros, sendo a França o primeiro exportador da Europa, com cerca de 50% logo metade daquela quantidade foi averbada pelos produtores franceses.

Espanha vendeu no 1º semestre 36,9 M euros

A Espanha passou a ser o terceiro fornecedor mundial de vinho da China, com uma fatia de 7%, atrás da França (46,42%) e da Austrália (17,42%). Só no primeiro semestre de 2013, de Janeiro a Julho, os espanhóis exportaram 36,9 milhões de euros de vinho engarrafado para a China, o que representou mais 41,1 % face ao período homólogo de 2012.

Os espanhóis são ainda responsáveis por 6% das importações do Brasil, fora do Mercosul. Segue-se a Itália com 6%.

Portugal vendeu 12,1 M euros à China

Em 2012, as exportações de vinho português para a China atingiram os 12,12 milhões de euros, o que representou

três vezes mais face a 2010, anunciou a Aicep, agência de investimento e comércio externo de Portugal. O anúncio foi feito durante a feira anual do grupo Bright Food, a maior empresa do sector da China, proprietária de 4.000 lojas de supermercado. Registe-se que só no primeiro semestre do ano passado, as exportações de vinho para a China haviam aumentado 62%, para um total de 90% face a 2011.

Entretanto, as perspectivas para 2013 são excelentes já que no primeiro semestre do ano, Portugal havia exportado para China vinho no montante de 8,5 milhões de euros.

O objectivo é atingir os 25 milhões de euros em 2014 em volume de vendas de exportações no mercado chinês, incluindo Hong Kong de Macau, segundo a ViniPortugal

Exportações totais de vinho: 704,8 M euros

Em 2012, as exportações de vinho português atingiram os 704,8 milhões de euros, uma alta de 7,1% face a 200, para um total de 3,35 milhões de hectolitros. Desse valor facturado, 45% dizem respeito a vinhos do Porto e Madeira.

Segundo a ViniPortugal, as exportações estão em crescimento desde 2010, tanto em volume como em custo valor, devido às promoções fora da Europa, particularmente nos mercados de Angola e China, bem como Rússia, EUA, Canadá, Brasil e ainda México, Moçambique e Japão.

Angola comprou 87 M euros em 2012

Angola absorve mais de 40 % do vinhos portugueses exportados, tendo em 2012 comprado 680 mil hectolitros no valor de 87 milhões de euros, anunciou Filipa Anunciação da ViniPortugal. Em termos do vinho engarrafado Angola é o primeiro mercado para os vinhos portugueses, com 67,5 % de todos os vinhos engarrafados exportados por Portugal.. Durante o ano transacto o mercado angolano aumentou 16,8% em valor e 9% em volume de exportações, sendo o objectivo atingir os 19% em receitas em 2014, face ao ano de 2011, que registou 620 mil hectolitros no valor de 72 milhões euros. □



Painéis solares chineses / Vinhos europeus

Um resumo da crise sino-europeia que já passou...

Os produtores europeus, especialmente os mais dependentes das vendas aos países BRICS, devem estar atento aos sinais (políticos) dos tempos, porque nada está garantido à partida. A prova disso foi a crise do Verão de 2013 à volta dos painéis solares chineses versus vinhos europeus... que deixou em suspense médios exportadores e alguns pequenos produtores, distribuidores e intermediários, que ensaiam os primeiros passos no realíssimo Eldorado asiático.



A regra de ouro é variar o leque de clientes, procurando diversificar a geografia das exportações. É preciso não se "contar com o ovo no cú da galinha", e diversificar o seu core business, caso o possa fazer, ou estabelecer joint-ventures com estrangeiros. E nesta abrem-se janelas de oportunidade nas frutas, no azeite ou em fábricas de queijo, um segmento que chama a atenção de investidores estrangeiros. **E veja-se que em 2012, as importações totais da China da União Europeia foram de 162 mil milhões de euros, onde se incluem os 764 milhões de euros referentes ao vinho,** que em si representa quase uma gota. Todavia, trata-se de um produto especial e popular a ter em conta.

Tudo começou na primeira semana de Junho de 2013 quando a União Europeia decidiu aumentar as taxas alfandegárias sobre os painéis solares chineses., propondo 47% sob o pretexto de a ser vendidos abaixo do preço de custo, desencadeando uma



guerra de retaliação comercial, com os vinhos europeus a incorrem no pagamento de taxas aduaneiras na ordem dos 50%.

Esta medida contra a China era vista com reticências por muitos dos países membros da União Europeia, noticiava então o jornal de Berlim "*Tageszeitung*", ligado ao partido dos Verdes. Para o comissário europeu responsável da energia, era contudo "uma oportunidade para a indústria europeia recuperar". A federação europeia dos produtores de painéis, alegava que os chineses tinham subsídios estatais que lhes permitia fabricar painéis a tão baixo preço. Mas tal, era uma forma ambígua de ver a situação e ignorando mercado global e conjuntura económica da Europa.

Algumas pessoas por esse mundo fora começavam a fabricar painéis solares caseiros, pensando em know-how e material chinês. Por outro lado, **com o agravamento da crise na Europa, a China virou-se para as economias emergentes, investindo principalmente no Brasil.**

Entretanto, logo a seguir à exigência europeia, o governo chinês abriu, uma investigação anti-dumping sobre os vinhos europeus, supostamente subsidiados pela UE. Pequim ameaçaria a União Europeia com taxas acima dos 40% sobre a entrada dos vinhos europeus, uma verdadeira penalização para os países do sul, como Portugal, Espanha, Itália e França, uma ruína

para muitos produtores que graças à China estão a prosperar no sector.

Os dirigentes chineses consideraram injusto o aumento das taxas sobre os painéis chineses, desejando que o diferendo fosse resolvido de forma bilateral. Mesmo ao proteger os seus próprios vinhos, de duvidosa qualidade, Pequim, só teria a perder, e poderia arrastar por efeito dominó uma renegociação no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC), e aí ter efeitos multilaterais, sou seja, países vinhateiros de outros continentes a fazerem lobby contra a China. Por isso, só interessava uma negociação entre Pequim e Bruxelas. A manter o finca-pé sobre os painéis, a UE só perderia, ficando a remar em contraciclo face à realidade do mercado.

Em abono da verdade, "foram os fabricantes chineses que tornaram possível o "boom" da produção da energia solar, lembrava o jornal o "*Tageszeitung*", registando o preço do Kilowatt/hora a 40 centimos, custando em Junho de 2013 menos de 20 centimos.

Em 26 de Maio, um acordo de comércio livre entre a Alemanha e a China, proposto pelo primeiro-ministro Li Keqiang em Berlim, "suscitara forte interesse ao empresários e à economia alemã em geral". É que a eliminação de direitos aduaneiros às exportações alemãs na China, poderia fazer aumentar as exportações germânicas em 4 mil milhões de euros.





Seja como for, a Comissão Europeia e Pequim chegariam a um acordo bilateral para a questão dos painéis / vinhos em finais de Julho de 2013. A China, que domina em 80% o mercado europeu de painéis solares, aceitaria subir o preço de entrada dos painéis de 0,38 cêntimos /Watt para 0,56 cêntimos /Watt, para evitar o pagamento de taxas aduaneiras.

Um desfecho final está agendado para 1 de Julho de 2014. Pode ser aplicada um direito preliminar no início de 2014 enquanto se aguardarem os resultados finais da investigação. Para alguns observadores mais radicais, a questão também tem a ver com a rivalidade europeia de “países que bem cerveja e países que bebem vinho”, quanto a nós, uma interpretação demasiado tendenciosa.

Mas não só, porque pode também se pode juntar o mercado emergente do Paquistão, a quem a Europa pode vender automóveis, e em troca favorecer a indústria têxtil paquistanesa. A UE é o primeiro parceiro comercial da China. E para os europeus, os chi-

neses estão no 2º lugar da sua balança comercial, depois dos Estados Unidos.

O mais curioso nesta estória de retaliações comerciais, dizem alguns analistas, que a escolha de jogar na ofensiva sobre os vinhos é meramente simbólica, e teria outras consequências se Pequim tivesse, por exemplo, visado as importações dos aviões europeus Airbus!!

20,6 mil M euros em painéis contra 764 M euros de vinhos

Por ano, as exportações de vinho e bebidas alcoólicas da União Europeia para China ultrapassam os mil milhões de euros. A França é o maior exportador nessa área, com 140 milhões de litros em 2012. Nesse mesmo ano, 2/3 (dois terços) dos 430 milhões de litros de vinho importados pela China, eram oriundos da União Europeia, no valor de 764 milhões de euros, contra 20,6 mil milhões de euros em painéis solares exportados pela China para a UE.

E note-se que a Alemanha, a maior



economia europeia, produz cerca de dois terços do seu excedente comercial fora da Europa, especialmente na Ásia, com incidência na China.

Mas os produtos europeus na China têm grande impacto e são muito populares, especialmente os agro-alimentares. Em Julho passado, o embaixador da U E na China, Marcus Ederer realçou numa conferência de imprensa a grande aceitação dos produtos europeus pela população, que “existem cada vez mais nos supermercados, graças à sua excelente qualidade”, como os vinhos e azeites, citando uma notícia da agência Lusa.



Dicionário Ilustrado do Vinho do Porto

Editado exclusivamente no Brasil e em co-autoria do português Manuel Pintão e do brasileiro Carlos Cabral, este um grande entusiasta do Vinho do Porto, sobre o qual dispõe de uma vasta colecção de 400 livros. Para a produção deste livro os autores levaram seis anos, tendo visitado velha e actuais quintas produtoras de Vinho do Porto, falando com pessoas ligadas à história do vinho, e investigando também sobre a geografia física e humana da região, sobre as castas cultivadas, a geologia, os terroirs, o comércio local e internacional, a etnografia, o folclore, a literatura, e também os normativos que presidem à legislação em torno do Vinho do Porto.

Foi Carlos Cabral que lançou o

repto a Pintão, ligado também por laços familiares à Casa Poças, onde trabalhou durante 51 anos. Agora aposentado, decidiu juntar uma série de vivências sucessivas que passou no Grémio dos Exportadores, na Associação dos Exportadores e na Confraria do Vinho do Porto.

Mais de três mil vocábulos temáticos ou items de A a Z, reportando-se à geografia duriense, à história, às quintas, aos produtores e instituições que desde meados do século XVIII têm regulado a produção e o comércio do Vinho do Porto no Douro, no Porto ou em Vila Nova de Gaia, nesta, que é considerada a primeira região vitivinícola demarcada do mundo.

Escritores, homens de cultura, jornalistas, aspectos do Douro, o tipicismo dos barcos rabelos e os armazéns em Gaia integram o conteúdo desta novidade literária com 575 páginas e 620 ilustrações. Carlos Cabral vive em São Paulo, e Manuel Pintão no Porto.

LIVROS RECOMENDADOS:

Nesta edição apresentamos duas sugestões de leitura : Dicionário Ilustrado do Vinho do Porto, somente editado no Brasil, a não perder sobretudo para os colecionadores de Porto ou Madeira.

O outro livro recomendado é “As Mascaras da Paixão”, editado pela Ésquilo (ver apresentação em tertúlias & boa vida).

A Magia das Aldeias de Montanha é a terceira sugestão, numa edição Ésquilo, sobre etnografia de nove aldeias beirãs na região da Serra da Estrela, autoria de Severina Gonçalves e António Vicente, coordenação de Paulo Loução.

Dicionário ilustrado do VINHO DO PORTO



Manuel Pintão & Carlos Cabral





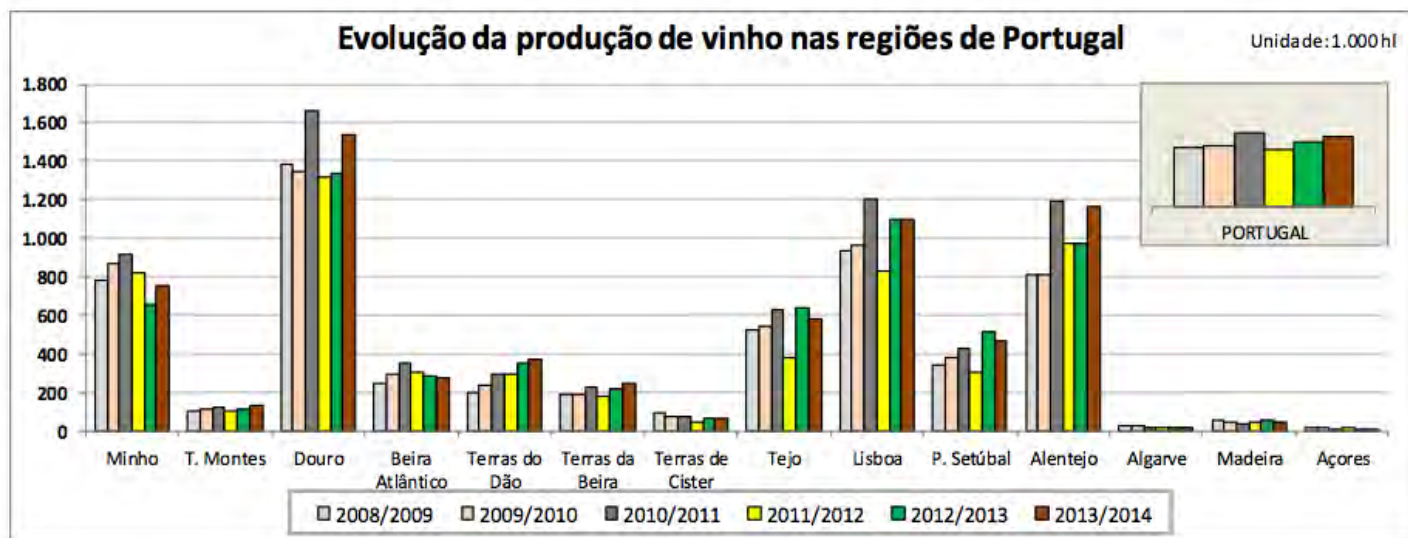
Vindimas 2013: mais 7% para 6,7 M hectolitros.

Em Portugal, as vindimas referentes à campanha 2013/2014 saldaram-se por uma produção de acima dos 6,7 milhões de hectolitros, mais 7% face a 2012, num ano praticamente sem pragas e doenças e com número de tratamentos fitossanitários inferiores à média.

Vejam o panorama das 12 regiões vitivinícolas do país:

Minho (mais 15 % de produção, com destaque para as castas Alvarinho, Fernão Pires e Loureiro; Trás-Os-Montes (mais 15%); Douro (mais 20%), Bairrada (menos 3%); Beira Interior (mais 15%, onde as sub-regiões de Castelo Rodrigo e Pinhel foram afectadas pela geada em finais de Abril); Dão (Mais 5%); Tejo e Península de Setúbal (ambas com menos 15 % de produção, com incidência nas castas Aragonez

e Castelão; Alentejo (ligeiro aumento face à anterior campanha, beneficiado pelo calor na primeira semana de Julho, seguido de baixa das temperaturas, factor que permitiu a maturação das uvas); Algarve (mais 10%, e alguns prejuízos causados pelo ódio); Madeira (menos 10%); Açores (mais 30 %, apesar das quebras de 20% e 30% nas ilhas de São Miguel e Santa Maria, devido ao míldio. Nas Ilhas Terceira, Graciosa e Pico o aumento é de 30%.



França: mais 7,4%, para 44,5 M hectolitros

As vindimas em França registaram uma alta de 7,4 % face a 2012, para uma produção de 44,5 milhões de hectolitros (M hl) de vinho, contra 41,5 M hl em 2012, embora tal aumento represente apenas 2% em relação à média dos últimos cinco anos, segundo o Service de Statistique et la Perspective do Ministério da Agricultura francês.

A qualidade será grande, esperando-se vinhos tintos de grande

qualidade, apesar das vindimas terem arrancado com 15 dias de atraso, devido às fortes chuvas de Março e Abril, a juntar um mês de Maio menos quente, com temperaturas de dois graus a menos do que o normal.

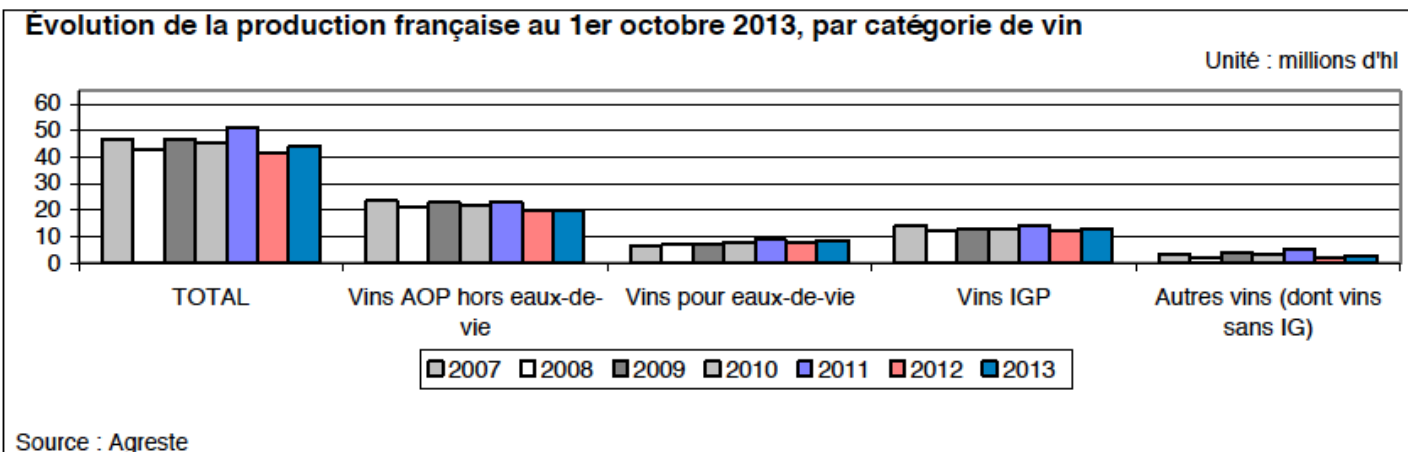
Os 44,5 M hl, incluem já a produção de 8,5 milhões M hl destinados à produção de aguardentes.

A região Bordeaux registou a produção mais baixa, com 4,3 M hl, ou seja, menos 18% face ao ano anterior,

e menos 20% face à média dos últimos 5 anos. Os temporais no início de Agosto contribuíram em grande escala para esta queda produtiva.

Também na Alsácia, a colheita foi particularmente reduzida, ficando abaixo do milhão de hectolitros, 992.00 hectolitros de vinho (menos 10% face à média dos últimos 5 anos).

Já no Vale do Loire, ao invés, registou-se uma alta de 34%, para 2,3 M hl.





Indicadores Mundiais do sector vinícola

Segundo a última conferência mundial da Organização Internacional da Vinha e do Vinho, realizada em Junho de 2013 em Bucareste, a área mundial da vinha plantada tem diminuído nos últimos anos. A tendência é para diminuir na Europa e aumentar nos países asiáticos e sul-americanos.

Em 2012, a área mundial de vinha era de 7.528.000 hectares, (a menor desde o ano 2000) para uma produção total de uvas para diversos fins de 69 milhões de toneladas. Se na Europa há um decréscimo, já nos chamados países produtores do Novo Mundo, regista-se um crescimento na plantação de vinhas, como Austrália, Nova Zelândia e Chile. A China é o maior produtor mundial de uvas, seguida da Itália e EUA.

O maior produtor mundial de vinho é a França, seguida de Itália, Espanha, EUA, China (5º), Austrália, Chile (7º), África do Sul (8º), Argentina (9º), Alemanha (10º, Portugal (11º), Roménia (12º), Grécia(13º) e Brasil (14º), para um total de 252 milhões de hectolitros de vinho.

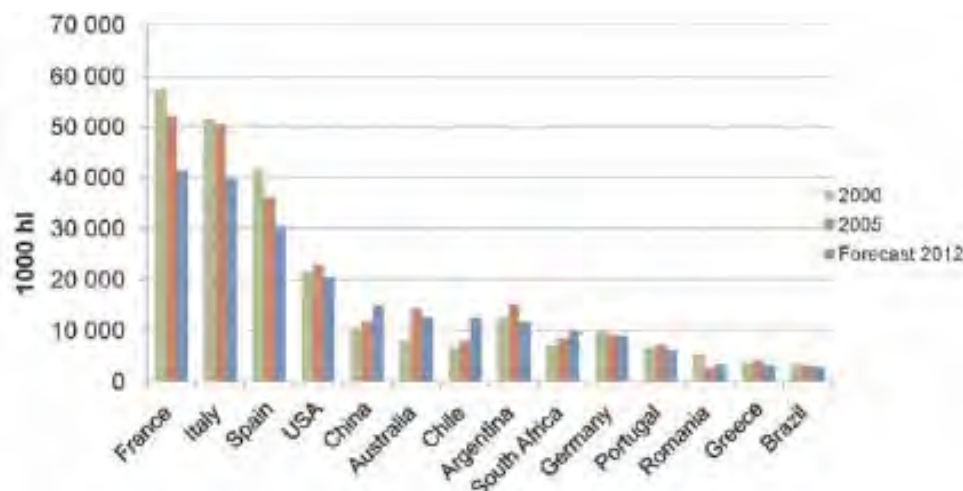
Portugal exporta 42 % da sua produção, que em 2012 foi de 6,14 milhões de hectolitros, mais 9,2% face a 2011. As suas principais castas

nacionais em promoção são Touriga Nacional, Tinta Roriz/Aragonez, Touriga Franca, Trincadeira /Tinta Amarela, Castelão e Bagas (nos vinhos tintos). Nos brancos, Alvarinho, Arinto, Fernão Pires e Encruzado.

Os principais importadores mundiais de vinhos continuam a ser os EUA, Reino Unido e Alemanha, seguidos do Canadá e da China (5º), Japão, Suíça, Bélgica Holanda e Rússia em 10º (país Bric). De fora deste ranking estão a Índia e o Brasil, este que é o 14º produtor mundial.

O maior consumidor de vinho é a França (30,3 milhões de hectolitros), 2º EUA (29 M hl), 3º Itália (22,6 M hl), 4º Alemanha (20 M hl), China (17,8 M hl), 5º Reino Unido (12,5 M hl), 6º Rússia, 7º Argentina (10,1 M hl), 8º Espanha (9,3 M hl), 9º Austrália (5,4 M hl), 10º Portugal (4,6 M hl), 12º Canadá, 13º Brasil (3,4 M hl)).

Em termos de consumo per capita, o destaque vai para França e Portugal, com 48,2 litros e 42,5 litros por habitante, respectivamente. A seguir vem a Itália com 37,7 litros, e a Argentina (24,9), Austrália (24,2), Alemanha (24), Roménia (22,9) e Espanha (20,2 litros). O próximo congresso mundial da OIV está marcado para 9 a 14 de Novembro de 2014, em Mendoza, Argentina, onde se realizará também a 12ª assembleia-geral da OIV. □



UE: mais 11% para 163,9 M hectolitros

Segundo as estimativas da OIV, os 28 países da união Europeia, registaram na campanha 2013 uma produção de 163,9 milhões de hectolitros (hl) de vinho, mais 11% face a 2012.

A Espanha, o país com maior área de vinha da UE, atingiu os 40 milhões de hl, mais 23 % face a 2012, e a Itália os 45 M hl (mais 2%), sendo a maior subida a da Roménia, com 79%, para 6 milhões de hectolitros. Fora da Europa estima-se uma subida de 9,5 %, esperando os EUA atingirem os 22 M hl, contra 20,51

M hl em 2012. Na América do Sul, o Chile atingirá um record de 12,8 M hl, após um mau ano de 2012, enquanto que a Argentina produzirá 15M hl (mais27%).

A Nova Zelândia registará um record com 2,5 M hl, enquanto que a Austrália deverá atingir uma produção de 13,5 milhões de hectolitros.

A nível mundial, a produção atingirá os 281 milhões de hectolitros, mais 23 milhões face aos 258 milhões de 2012.

Em 28 de Outubro, em Paris, na sede da OIV, o director-geral, Frederico Castellucci, apresentou os dados que fazem um balanço provisório do ano vinícola, numa altura em que há menos300.000 hectares em relação ao ano de 2006, e menos 15.000 hectares de vinha em 2013, particularmente em Itália e Espanha. □





Vinhos que salvam árvores ou a defesa das florestas de sobreiro

O binómio económico vinho e rolhas de cortiça foi tema de um importante workshop ibérico no âmbito do Encontro da Revista de Vinhos, onde foi debatida a sustentabilidade dos montados de sobreiro portugueses e mediterrânicos.

As florestas de montados cobrem cerca de 2,7 milhões de hectares registados em Portugal, Espanha, Argélia, Tunísia e França, dando emprego directo a 100 mil pessoas. Os montados representam um alto valor de biodiversidade, sendo o habitat natural de espécies em perigo de extinção – o lince ibérico,

a águia imperial ibérica e o veado do Norte de África.

Por ano, mais de 15 mil milhões de rolhas de cortiça são vendidas à indústria vinícola. Como vedante, as rolhas de cortiça representam quase 70% do mercado corticeiro, daí a indústria vitivinícola ser preponderante na manutenção económica e ambiental das florestas de sobreiro.

Para Angela Morgado, do World Wildlife Fund (WWF), se os dois sectores entenderem o desafio lançado, a biodiversidade de Portugal e do Mediterrâneo será preservada. No debate, que teve a presença do secretário de Estado da Agricultura José Diogo Albuquerque, participaram ainda Helena Dominguez, da WWF Espanha, e João Geirinhas, da Revista de Vinhos, Miguel Bugalho (WWF), António Gponçalves Ferreira (UNAC), Luis Neves Silva (WWWF), João Paulo martins (revista de vinhos), António Ventura (presidente da associação portuguesa de Enologia), Jorge Mo (Presidente da Vini Portugal) e Pedro Baptista da Fundação Eugénio de Almeida (FEA).

A WWF tem apelado ao sector dos vinhos para optar pelas rolhas de cortiça certificada como vedante, face a out-



ras alternativas como as cápsulas de alumínio e rolhas de plástico, o que tem gerado um grande debate com alguma polémica.

A WWF juntamente com a UNAC e a Fundação Eugénio Almeida apresentaram um projecto com vista à certificação de 100.000 hectares de floresta de sobreiro pelo FSC, com apresentação dum vinho produzido pela FEA, forma simbólica de compromisso entre os vinhos e o sector corticeiro. □

Revista de Vinhos : domínio do Alentejo no Encontro dos Sabores



Os vinhos alentejanos venceram dos dois grandes prémios do Encontro com o Vinho e Sabores (ECVS), realizado pela Revista de Vinhos, entre 213 vinhos nacionais, distribuídos por num selecção feita por um grupo de 30 jornalistas e bloggers. Especificando, em prova estavam 24 espumantes; 58 brancos; 4 rosés; 111 tintos e 16 fortificados.

Assim, o Grande Prémio de Vinhos Brancos seria atribuído ao Reserva 2001 do Esporão (José Roquette), enquanto o Grande Prémio em Vinhos Tintos ao Regional Alentejano 2011 da Herdade da Malhadinha Nova.



O Alentejo seria ainda a região com mais vinhos seleccionados no ranking dos tintos, quatro a saber: Marquês de Borba Alentejo Reserva 2011, o Quatro Caminhos Regional Alentejano Reserva 2011 e o Grande Rocim Alentejo Reserva 2009.

Na categoria de branco, voltaria dominar o top tem do encontro com: Foral de Évora Alentejo 2012, o

Monte da Ravasqueira Regional Alentejano Reserva 2012, o Poliphonia Regional Alentejano Reserva 2012 e o Régia Colheita Alentejo Reserva 2012. Recorde-se, que Alentejo lidera o mercado nacional – quer em volume (43,1%), quer em valor (44,3%), segundo os dados ACNielsen, na categoria de vinhos engarrafados de qualidade com classificação DOC e IG. A região tem 263 produtores e 97 comerciantes numa área total de vinha de 21 970 hectares, sendo que a área total de vinha aprovada para DOC Alentejano é de 11 371 hectares. **Presença de Joshua Greene e 2.000 vinhos em prova**

Neste encontro, esteve presente o conceituado especialista e crítico de vinhos, o americano Joshua Greene, além de 4.000 produtores e mais de 2.000 vinhos em prova, 11 provas especiais e quatro harmonizações de vinho e comida. □



Aviões não tripulados vão vigiar "Mundial 2014"



O Brasil vai usar aviões não tripulados na vigilância e segurança durante o próximo Campeonato Mundial de 2014. O Método, já usado em Julho passado na Conferência do Rio de Janeiro+20, sobre Meio Ambiente, que juntou chefes de Estado de todo o mundo.

Trata-se de um pequeno avião pilotado por controle remoto e usado pelo Brasil desde 2011 em missões de reconhecimento e vigilância fronteiriça. Em Israel onde se fabrica, o protótipo é equipado com mísseis e utilizado em ataques, embora os modelos da Força Aérea Brasileira se limitem à vigilância.

O Brasil dispõe de três modelos israelitas Hermes 450, dois ao serviço da FAB e outro na Polícia Federal, equipados com sistema electro-óptico com câmeras de infra-vermelhos, rastreio e filmagem em alta definição a cores, que operam taoto de dia como à noite.

A especificidade é tal, que os equipamentos filmam as pessoas à noite, mesmo escondidas debaixo das árvores, podendo o avião fazê-lo a uma distância sem ser visto ou ouvido o seu ruído.

O avião não tripulado Hermes 450 tem uma autonomia de 16 horas, tendo os dois aviões da FAB custado 48 dólares, incluindo estação de pilotagem remota no solo, sensores e logística.

Durante o Mundial de 2014, haverá 12 centros de controle, um em casa cidade sede do Campeonato, para além de um centro nacional, que coordenará todas as operações.

Índia: 452 milhões de passageiros em 2020

A Índia, a terceira economia asiática, a seguir ao Japão e à China, deverá triplicar o número de passageiros na aviação comercial nos próximos sete anos, esperando-se que em 2020 atinga os 452 milhões de passageiros/ano. Recorde-se que a Índia, um dos cinco países BRICS, tem uma preponderância na economia asiática.



No Japão comboio magnético alternativa à aviação

O novo comboio de levitação magnética, um processo de TGV ultra-elaborado pelos japoneses, atinge velocidades próximas dos 600 kms/hora e poderá ser uma alternativa à aviação comercial em países de certa dimensão ou em regiões económicas. O projecto foi anunciado pela Central Japan Railways, e a nova linha de super alta-velocidade, denominada de Maglev, vai ser iniciada em 2014, devendo estar pronta em 2027, segundo o "The Japan Times".

Situada entre Tóquio e Negoya, numa distância de 286 kms, a futura linha servirá seis estações. O novo modelo cobrirá a distância em 40 minutos, menos uma hora do que o actual tempo 1 hora e 40 minutos feito pelo comboio bala "Shinkansen", explicou a agência Kyoto.

O novo comboio usará motores instalados perto dos carris e, inserido num campo magnético, o novo comboio elevar-se-à 10 cm acima dos carris, eliminando o contacto, tendo apenas o ar como atrito, o que permite maior velocidade.

A empresa já fez testes em Tsuru, perto da cidade de Yamanashi, num troço experimental de 42,8 km, com curvas e túneis.

Os testes iniciais começaram em 1997, e o comboio percorreu 878.000 km, o equivalente a 22 voltas ao mundo. O protótipo atingiu os 581 km/hora e cerca de 146.000 pessoas tomaram parte nas demonstrações efectuadas numa linha de 18,4 km, posteriormente aumentada para 42,8 km.

A composição de cinco carruagens percorreu os 43 km, e durante 2 minutos circulou a mais de 500 km/hora.

Mercado brasileiro triplicou em 12 anos

A procura do transporte aéreo no Brasil triplicou em 12 anos, atingindo em 2012 uma alta de 234%.

Desde 2003, o crescimento médio do transporte aéreo no Brasil foi três vezes e meia o crescimento médio do PIB (produto interno bruto) brasileiro, e mais 14 vezes o crescimento da população.

Em 2012 esse número representou uma proporção de 55 passageiros transportados em cada 100 habitantes do Brasil, enquanto que em 2001 essa proporção era de 21 para 100, isto segundo dados da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), citada pela revista brasileira Aero Magazine.

Durante 2012, o Brasil registou um movimento de 107 milhões de passageiros, dos quais 88,7 milhões nas linhas domésticas e 18,5 milhões nos voos internacionais, envolvendo mais de 1,1 milhões de voos efectuados.

Poças seleccionado pela TAP entre 340 vinhos

Um branco Poças Reserva 2011 (DOC Douro e de castas Códega, Rabigato, Gouveia e Moscatel) foi seleccionado entre 340 vinhos para integrar a carta de vinhos da classe executiva da TAP Air Portugal. Para esta escolha, a transportadora convidou nove especialistas portugueses e brasileiros. Para uma prova às cegas, isto é, sem saberem a marca dos vinhos, e feita em voo, numa viagem entre Portugal e a Ilha Terceira (Açores). A selecção foi feita por um painel de jornalistas, wine writers e sommeliers, a saber: João Paulo Martins, Maria João Almeida, Rui Falcão, Pedro Gracias, Luís Antunes, Fernando Melo e ainda Ricardo Castilho, Marcelo Coppello e Dânio Braga, do Brasil.





Low-cost AirAsia India com a tarifa mais baixa do mundo

A maior companhia aérea asiática de low-cost, a AirAsia India terá o preço mais baixo a nível mundial da aviação civil, 1,25 cêntimos (UE) por quilómetro-passageiro (1,9 cêntimos EUA), e “provavelmente começará a operar em Dezembro”, conforme declarou o seu director-executivo Tony Fernandes, ao jornal Economic Times, de Bombaim.

Resultando de uma parceria entre a Air Asia com 49% do capital, e do grupo Tata, através da sua holding Tata Sons, com 30% e de Arun Bahtia, dono da Telestra Tradesplace, com 21 %.

Seguindo os estudos realizados, os aviões da nova low-cost vão operar ao preço mais barato do mundo atrás citados, e com uma ocupação de 52%. De início a companhia funcionará com 4 aviões Airbus A-320-200, para depois se expandir.

O Grupo Air Asia é pioneiro em viagens de baixo custo na Ásia, desde 1996, operando em voos domésticos e internacionais para 65 cidades de 25 países, situando-se o seu principal hub em Kuala Lumpur. A companhia viria ser privatizada em 2001, quando o empresário Tony Fernandes adquiriu por um preço simbólico 1 rinh, para relançar a transportadora, quebrando o monopólio da Malaysia Airlines. Um empresário de grande empreendedorismo e cultura, cuja ascendência portuguesa nos faz reflectir sobre esta grande personalidade internacional, distinguida pela revista Forbes.

De nacionalidade malaia, nascido em Kuala Lumpur, mas de origem indo-portuguesa (seu pai, médico, era natural de Goa e sua mãe, uma euro-asiática de Malaca, professora de música, descendente também de portugueses), o empresário Tony Francis Fernandes, estudou no Reino Unido e formou-se pela London School of Economics.

Estudou piano e guitarra, dedicou-se à música étnica e contemporânea, e trabalhou na indústria musical para o grupo americano Warner Music Group (Ásia). Fundador de uma equipa de Formula 1 e também antigo executivo da Virgin Airlines, em 2003 o jornal The Manila Times considerou-o o Richard Branson da Ásia.

Actualmente, Fernandes é accionista maioritário do clube inglês Queen's



Park Rangers (onde Paulo Sousa foi treinador durante alguns meses), dos arredores de Londres e da mesma zona do Chelsea e do Fulham.

Também a família Arcittal (dona do empório anglo-indiano do aço Arcelor Mittal) é accionista do Queens Park Rangers, assim como Amit Bhatia (filho de Arun Bathia), que é vice-presidente do clube londrino, e casado com Vanisha, filha do chairman da Arcelor Mittal, ainda segundo o The Economic Times.

Grupo Tata e Singapore Airlines fundam companhia

O grupo industrial indiano Tata (proprietário da Jaguar e da Land Rover) assinou um acordo de entendimento com a Singapore Airlines com vista criarem uma transportadora aérea, sediada em Nova Delhi, e com um capital social subscrito a 51% e 49%, respectivamente.

Só em 2012, o governo do actual primeiro-ministro, mudou a legislação proteccionista de dez anos, que proibia as companhias estrangeiras participarem no capital das transportadoras aéreas indianas.

O crescimento da economia indiana, no âmbito dos países BRICS, incrementou o transporte aéreo e duplicou o número de passageiros nos últimos sete anos, sendo a Índia o segundo país mais populoso do mundo, um dos maiores mercados a nível mundial, e dos que mais cresce no sector da aeronáutica. O memorando entre as duas partes destinou-se a um investimento de 100 milhões de dólares (73,56 milhões euros), que aguarda a apreciação das autoridades indianas.

O ministro da Aviação Civil, Ajit Singh,

perspectiva um alto desenvolvimento da aviação indiana, após a nova legislação, que permite as concorrentes estrangeiras entrarem até 49% no capital das companhias aéreas indianas.

Alguns especialistas, dizem contudo, que a entrada no mercado indiano não está isento de riscos, nomeadamente devido ao combustível ser mais caro do que nos outros países da região.

Registe-se que o Gupo Tata, foi pioneiro em 1932 na aviação comercial entre a Índia e a Europa, com a Tata Airlines, através da linha aérea Londres-Karachi-Bombaim-Madras (actual Chennai), tendo o então presidente da companhia, J.R.D. Tata, pilotado o avião do voo inaugural.

O Grupo Tata opera no sectores da química, automóveis, hotelaria, informática, aço, telecomunicações, indústria aeronáutica, aviação civil, sendo um enorme conglomerado que movimenta por ano cerca de 100 mil milhões de dólares (cerca de 74 mil milhões de euros). Em 2009 lançou o carro popular, o Nano, o veículo mais barato do mundo produzido pela Tata Motors. Custa 2.500 dólares (1.840 euros) e destina-se a famílias que usam motorizadas como meio de transporte.

É também, à semelhança de outras grandes empresas indianas, responsável por serviços médicos e cuidados sociais às populações desfavorecidas com programas bastante elaborados em colaboração com os governos estaduais e federal.

Flybe com lucros... e dispensa 590 quadros

Apesar de ter obtido lucros no primeiro semestre (Abril/Setembro) do ano fiscal, a britânica Flybe, a maior companhia aérea regional (low-cost) da Europa vai reduzir 590 postos de trabalho. Tal deve-se ao aumento nas despesas de combustível, diminuição de passageiros e aumento das taxas de aeroportos. Sediada em Exeter, Devon, Inglaterra, a transportadora tem 2.600 efectivos, opera em 180 rotas e 65 aeroportos europeus, tendo obtido 13,8 milhões de libras em lucros antes de impostos, contra 1,6 milhões no período homólogo do ano anterior.

A companhia que é dirigida por Saad Hammad, antigo executivo da EasyJet, vai também retirar-se do seu principal hub, no aeroporto londrino de Gatwick.



Evocação de Natália Correia e da sua tertúlia

A tertúlia de Natália Correia no Botequim, onde se juntavam escritores, políticos, artistas plásticos, jornalistas e outros intelectuais para debaterem a sociedade portuguesa ao sabor de um tinto ou dum petisco, foi evocada por Fernando Dacosta, autor de “As Máscaras de Salazar”.

Incompreendida por uns, amada por outros, a escritora, poetisa e deputada “também ajudava à festa, (...) arranjou legiões de amigos e seguidores, ao mesmo tempo legiões de inimigos, que depois foram para o poder”, diria Dacosta. “O problema de Natália é que era fora de vulgar e excepcional. O século XX está marcado por figuras extraordinárias, principalmente femininas, Natália Correia, Fernanda de Castro, Maria Lamas, Amélia Rey-Colaço, ou Agostinho da Silva, Jorge de Sena ou Aquilino Ribeiro, com quem meu avô ia à caça” na Beira Alta, conta Fernando Dacosta a propósito de uma homenagem a Natália e à tertúlia do seu Botequim, no bairro da Graça, em Lisboa, no ano em que passam 20 anos desde que nos deixou.

Falando num dos habituais jantares da Sociedade de Língua Portuguesa, Dacosta passou em revista a vida e obra desta insigne mulher de letras e deputada no Parlamento português, que viria a desenvolver um importante debate de ideias e opiniões diversas no Botequim, café-concerto e ponto de encontro de uma certa inteligentsia lisboeta. Nós próprios, responsáveis pelo **Correio dos Vinhos** por lá passamos algumas vezes, com alguns estimados amigos habitués António Costa Gomes, Carmo Pólvora, Vera Calheiros, Amélia Vieira, Tágide Maria Ferreira, Manuel Peres Newton. Se era ponto de encontro antes do 25 de Abril de 1974, já no pós revolução marcaria o pensamento de políticos e militares que passaram a frequentar o Botequim, tais como Francisco Sá-Carneiro, a editora Snu Abecassis, ou Otelo Saraiva de Carvalho e Melo Antunes, que ali apurou o célebre **Documento dos Nove**, tudo sempre a pretexto da descompressão e do convívio tertuliano. E note-se que no Botequim, Natália seria igualmente anfitriã de escritores estrangeiros famosos, tais como Henry Miller, Graham Greene e Eugene Ionesco. “Para mim os principais pensadores portugueses do século XX foram Fernando Pessoa, Agostinho da



Silva e Natália. Ela não escrevia nada gratuito, e veio antes do tempo antecipar o futuro”, sublinharia Dacosta, reportando-se a “um certo fascínio sobre Natália Correia, a descobrir nela um ser de luz, de coragem e de subversão. Por isso ela está-se assumir como uma espécie de Matria, num país à beira dos mil anos, e vai fazer em breve 900 anos, como o mais ou dos mais antigos do mundo. Daí a importância de todo um património a defender”, acrescentaria Dacosta, numa alusão às personalidades da cultura portuguesa citadas.

A “tradição da poesia satírica portuguesa é fortíssima, e ela é um dos grandes poetas de sempre **Sol da Noite e os Luares dos Dias**, mais os **Sonetos**. que ombreiam com a lírica



de Camões”, destacando-se ainda no Teatro como dramaturga, com a peça **A Pécora**.

“Tem ensaios extraordinários e cantava muito bem” (*ouvimo-la cantar **Summertime** no Botequim já com certa idade*) e também pintava excelentemente. “**Casou-se com um americano, foi viver para a América, onde frequentava clubes de jazz, sendo contactada para ficar lá como cantora profissional**, adianta Fernando Dacosta. Por outro lado, Almada Negreiros insistia para que ela se dedicasse à pintura ... depois separou-se do marido americano, dizendo, descobrira que era europeia!

“O racional leva-nos ao irracional. Ele era sedutor, a mulher mais bela de Lisboa, juntamente com a jornalista Maria Armanda Falcão (que assinava com o pseudónimo de Vera Lagoa. O escritor Manuel da Fonseca afirmava que as duas, ao descerem a Avenida Liberdade, até as árvores se inclinavam”!

O Botequim abriria em 1969, numa antiga carvoaria reconvertida e descoberta juntamente com o seu terceiro marido, o Sr. Machado.

“Melo Antunes também de origem açoriana, passaria por lá, gostava imenso dela. Ela queria que o Botequim fosse uma antevisão de Portugal quando tivesse políticos completamente diferentes e a



sério. Era muito patriota e gostava de ter a sua corte à volta dela. Tinha uma bela biblioteca na sua casa na Rodrigues Sampaio, sempre com mesa posta... iam lá o Mário Cesariny de Vasconcelos e o José Luís Pacheco, que depois a criticaram”.

Ela veio antes do tempo para antecipar o futuro. **Eles, Pessoa, Agostinho e Natália tiveram grandes problemas, porque não cabiam no seu espaço e ficaram incompreendidos.** Ela tinha duas facetas – a paixão pela liberdade e profunda solidão intelectual, pela audácia das suas ideias e exigências da sua ética. Tentaram ridicularizá-la como fizeram a Agostinho da Silva”. Natália em 1966 fora condenada a três anos de pena suspensa, pela publicação da **Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica**, e iria de novo a tribunal por ser editora das **Novas Cartas Portuguesa**, de Maria Teresa, Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa.

Natália “aceitaria a sua idade, soubera envelhecer”, e juntamente com Miguel Torga, seriam os dois, os únicos que vieram a “terreno bater o pé quando do Verão quente de 1975”, diria Dacosta. Mais tarde viria a ser eleita deputada pelo PPD de Francisco Sá Carneiro, e depois pelo PRD, de Ramalho Eanes. A figura de Natália Correio já foi alvo

Conta Fernando Dacosta: “fui com ela duas vezes a casa da Amália Rodrigues, que tinha um ego igual ao da Natália, e ficava ciumenta. Então, pegava numa guitarra e punha-se a cantar ...depois zangaram-se”.

“Não acredito na arte desviviada”, dizia Natália Correia, ou seja, no intelectual ou no artista fechado na sua torre de marfim. “Ela inventava a sua utopia (...). De manhã escrevia, à tarde ia para as coisas mundanas, à noite ia para o Botequim”, isto, fora do seu trajecto como deputada no Parlamento

de várias teses de doutoramento, com Enes de Almeida a primeira pessoa a fazê-lo e mais tarde o poeta António Vilhena também, sobre a sua obra literária.

Também o vice-presidente da Sociedade de Língua Portuguesa, José Manuel Matias era um assíduo frequentador do Botequim, onde ia todos os dias, como ele próprio o afirmou no jantar ao abrir a sessão. Viera de Moçambique para estudar na Faculdade de letras e alugara um quarto na Vila Souza, na Graça, tornando-se um habitué do Botequim.

Matias registou também o percurso jornalístico e literário de Fernando Dacosta, cujos livros “retratam o que é ser português no limiar do século XXI”, um trajecto iniciado na agência **Europa Press, Comércio do Funchal**, passando depois pelo **Diário de Lisboa, Vida Mundial, Diário de Notícias, Público, e Visão**, para além da sua obra literária, onde se inclui a peça de teatro **“A Nave Adormecida”** e, entre outros livros, **“As Máscaras de Salazar”**, com 32 edições., sendo formado em Filologia Românica, pela Universidade de Lisboa. □

LIVROS RECOMENDADOS:



Máscaras da paixão

Apesar do título ser uma alegoria aos romances e peixões secretas de D. Pedro V e D. Luís I, a autora incute-lhe um tom policial nas entrelinhas à volta dos supostos diamantes pertencentes à rainha D. Carlota Joaquina (bisavó dos dois príncipes) e utilizados pela soberana para financiar a sua luta contra os adversários da Coroa. Uma posição assumida por D. Carlota e D. João VI quando já estavam no Brasil, com sentido de Estado, ao declararem guerra a Napoleão Bonaparte logo à chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro.

Depois, num ambiente teatral em grande estilo faustoso e dramático, como numa ópera de Verdi (um contemporâneo dos jovens reis), flecte para os amores e paixões, passando primeiro pelo casal real modelo que foram D. Pedro e sua mulher, D. Estefânia de Sigmaringen, desaparecidos prematuramente e dramaticamente ao estilo verdiano de “A Força do Destino”, “O Falstaff” ou até “Um Baile de Máscaras”.

A junção entre o enredo policial e os momentos de paixão, dá-se quando dois jovens súbditos ingleses e irmãos (um cavalheiro e uma dama, que virá a ser amante de D. Luís I) deambulam na Lisboa pombalina na pista dos diamantes.

Um livro que também é um guião abrangente para uma produção de Televisão, onde a autora, sem dar por isso, tem o mérito de pôr tudo à disposição de produtores – desde o décor ao guarda roupa, passando pelos adereços e a estória em si. Diríamos em gíria, “a papinha toda feita” à medida de uma interessante produção de TV, que deveria ser agarrada num meio de escassa criatividade e marcado por influências, que mais lembram os bastidores palacianos do século XVIII.



Enoturismo e capacidade empresarial

Não basta ter sucesso nas exportações portuguesas de vinho, é necessário olhar também o mercado nacional, através de Marketing e Inovação, tendo em vista o enoturismo. E até esta dimensão vai seguramente consolidar a imagem da marca do vinho junto do cliente estrangeiro. Estas observações são também corroboradas em duas teses universitárias - uma de mestrado, apresentada no Instituto Superior Técnico e a outra, de doutoramento, efectuado na Faculdade de Economia do Porto. Em ambas as dissertações o tema fulcral era **Gestão Industrial, Vinhos, Mercado e Marketing**.

O produtor com alguma dimensão não pode limitar-se à função comercial e estar apenas focado nos compromissos externos. Deve variar o seu core business (o segmento de negócio) para uma coisa chamada enoturismo e desenvolvimento regional, ajudando a criar mais empregos e mais riqueza.

E se ficar nas proximidades de património histórico e paisagístico ou de zonas com tradição cultural, deve usufruir dessa mais-valia para o seu negócio. **Seja no Douro de Miguel Torga, seja em Bucelas, onde Alves Redol tinha o seu retiro de escritor, seja na Tormes, de Eça de Queiroz, ou mesmo em Silves, onde viveu no século XI o rei-poeta Al-Mutamide, citado n 'As Mil e Uma Noites**. E veja-se que o Algarve está gradualmente a fazer bons vinhos...cujos produtores podem usufruir dos muitos turistas nórdicos.

O sector vitivinícola respira saúde, e tal deve-se sobretudo à grande procura no exterior dos vinhos portugueses, para o qual tem sido essencial a acção da ViniPortugal e das Comissões Vitivinícolas regionais. O sector dos vinhos é por assim dizer uma ilha consolidada no meio do naufrágio da economia portuguesa, e o boom nas exportações são o garante e a alavanca que animam os produtores. Mas há alguns passos a fazer no mercado nacional e na modernização das pequenas e médias empresas que caracteriza o sector, principalmente em áreas do marketing e inovação, procurando aliar à componente do enoturismo. E veja-se que a recente inclusão na embaixada portuguesa em Pequim, de um gabinete de turismo para orientar a classe média chinesa que viaja para a Europa, pode dar melhores frutos, se



as quintas produtoras de vinhos entenderem a estratégia do enoturismo, não como uma moda, mas um investimento integrado na região a que pertencem. Ou seja, haver capacidade estrutural (com municípios) para desenvolver o enoturismo, a partir do momento em que os visitantes aterram nos aeroportos de Lisboa ou Porto e Faro. Saber encaminhá-los para tours de enoturismo, em alternativa à praia ou ao património, à semelhança do que se faz em Itália, França. E note-se que há um movimento de empresários chineses a comprarem na Europa grandes áreas de vinha. Pode estar aqui a oportunidade de algumas parcerias, e ganhar-se a dimensão, que um produtor português sozinho tem dificuldades em alcançar.

E veja-se que **uma tese de mestrado apresentado em 2009, por Rui Filipe Carneira, no Instituto Superior Técnico, na área da Engenharia e Gestão Industrial, sob o tema Factores Críticos de Sucesso no Mercado e vinhos em Portugal e a Sustentabilidade do Sector Vitivinícola, chamava a atenção dos agentes e produtores para quatro factores** 1. Estimular o acesso do vinho a copo, 2. Aumentar o esforço de marketing, publicidade e promoção 3. Tornar o vinho mais presente na vida dos consumidores menos frequentes 4. Melhorar o serviço dos restaurantes.

Destes quatro, o primeiro e terceiro items, foram objecto de algum esforço passados estes quatro anos, com a iniciativa da ViniPortugal do vinho a copo, ainda um tanto incipiente. Veja-se que em Itália, há mais de 20 anos, é vulgar ir-se a qualquer lado, olhar para a garrafa e escolher o vinho que se pretende beber a copo, sem pagar a garrafa inteira, fazendo do vinho uma bebida

nacional pela positiva.

Os restantes items ficaram por fazer, salvo excepções mais integradas em eventos turísticos e culturais, sem que haja, uma verdadeira rota de vinhos e azeites, a partir das grandes cidades, como acontece, por exemplo, **quando chegamos a Amesterdão, e os turistas têm excursões exclusivas ao campo só para irem ver as plantações de flores, as fábricas de queijo, ou os moinhos tradicionais**. O mesmo sucede na Escócia, com as visitas às destilarias de whisky.

A recente iniciativa do governo na embaixada portuguesa em Pequim pode ser uma inovação, para a qual as quintas deverão preparar-se com pequenas lojas, e os produtores mais aguerridos e visionários investirem em pequenos hotéis vínicos. Estes podem muito bem servir de logística à estadia turística, complementar a oferta dos operadores turísticos em matéria de alojamento, e serem uma mais-valia ao negócio do vinho, um cartão de visita da própria quinta, que só a posteriori irá ter retorno indirecto desse investimento hoteleiro.

E faça-se uma reflexão sobre a conclusão da referida tese em Gestão Industrial:

"O estudo do consumidor português está pouco desenvolvido, porque, embora seja um sector de grande peso na economia do país, trata-se de um sector muito marcado pela tradição. Adicionalmente, os processos produtivos e de distribuição são desde já tão críticos e absorvem a maior parte do esforço e recursos das empresas - (essencialmente pequenas e médias empresas) - onde o Marketing e da Inovação têm um abordagem superficial, utilizando-se mais a intuição para a estratégia das empresas".





PRÉMIOS Wine Spectator:

Rioja vence Wine Spectator 2013 e Porto Croft (2011) em 13º lugar



O vinho espanhol Cune Rioja Imperial Gran Reserva, colheita de 2004, ao preço de 63 dólares a garrafa e 95 pontos, foi o vencedor dos 100 melhores vinhos do ranking 2013 da revista americana Wine Spectator, que assinalou os 25 anos da lista top-100. Dois vinhos portugueses entraram na tabela, um Porto Croft Vintage (2011) a 93 dólares e 97 pontos em 13º, e Quinta do Passadouro Douro (2010) a 25 dólares e 91 pontos, em 37º...

Para esta edição, a revista recebeu mais de 20.000 vinhos a concurso de 14 países e quatro Estados federais

americanos, que ao longo de 2013 foram provados pelos especialistas da "WS". A avaliação foi baseada em três critérios -- as castas das uvas, a relação qualidade/ preço e uma pontuação entre os 90 e os 100 pontos. Nos dez primeiros lugares cinco vinhos americanos, três franceses, um italiano e mais o espanhol vencedor.

Em 2º lugar ficou o francês de Bordeaux, Chateau Canon-La Gaffelière, produzido em 2010 pelo alemão Von Neipperg, ao preço de 103 dólares e 96 pontos; castas Merlot e Cabernet.; 3º Apesar do nome francês Domaine Serene, 2010, trata-se de um vinho americano produzido em Willamette Valley, Estado do Oregon, ao preço de 65 dólares//95, castas Pinot Noir e Chardonnay.; 4º Mais outro americano, Hewitt Cabernet Sauvignon Rutherford 2010, ao preço de 92 dólares//95, produzido na famosa região de Napa Valley, Califórnia; 5º Outra produção californiana de Napa, Kongsgaard Chardonnay 2010, ao preço de 75 dólares//95 pontos; 6º Itália, Piemonte, Giuseppe Mascarello e Figlio (2008), 110 dólares//95; 7º França, Sudoeste do Ródano, Domaine du Pégau reserve 2010, família Féraud 120 dólares//97; 8º França, Sudoeste do Ródano, Chateau de Beaucastel (2010), famí-

lia Perrin, 120 dólares//96; 9º Lewis Cabernet Sauvignon Napa Valley (Ca, EUA) a 135 dólares (o segundo vinho mais caro a concurso) e 96 pontos. 10º Quilceda Creek Cabernet Sauvignon Columbia Valley 2010,

a 135 dólares//95, produzido no Estado de Washington.

A Espanha classificaria mais seis vinhos no ranking dos 100 Mais, onde se destacam mais quatro de Rioja, um de Cádiz e outro de Campo de Borja, província de Saragoça, revelando o grande investimento a todos os níveis feito nos últimos 20 anos, especialmente em Rioja.

O preço mais baixo a concurso por garrafa foi 10 dólares, referente a um vinho italiano da Toscana, Badia a Coltibuono Cancelli (2011) no 100º lugar com 90 pontos.



Em Gaia, Yeatman: prémio melhor hotel vínico do mundo

Na Califórnia, o Hotel Yeatman foi eleito o melhor para 2014 na categoria Alojamento, entre 398 candidatos das dez regiões vitivinícolas mais emblemáticas do mundo, e no âmbito do Best Wine Tourism.

Foi atribuída a medalha Global Winner pela Great Wine Capitals Global Network, associação das mais prestigiadas regiões mundiais vitivinícolas, além de Porto e Douro, Bilbao - Rioja (Espanha), San Francisco Napa Valley (Califórnia, EUA), Bordeaux (França), Florença - Toscana (Itália), Mainz - Rheinhessen (Alemanha), Mendoza (Argentina), Cidade do Cabo (África do Sul) e Christchurch - South Island (Nova Zelândia) e Valparaíso-Casablanca - (Chile).

Foram ainda premiados Bodegas Dinastia Vivanco, em Rioja, (Espanha); Château de Rouillac, em Bordeaux (França) em Serviços; Vergelegen, em Cape Winelands (África do Sul) em Arte e Cultura; Brancott Estate, em Marlborough, South Island (Nova Zelândia) em Inovação; Catello di Gabbiano, em Toscana (Itália); Weingut Eppelmann, em Rheinhessen (Alemanha); Bodega Ruca Malen, em Mendoza, (Argentina); em Restaurante típico; The Hess Collection Winery, em Mount Veeder, Napa (Califórnia).

Situado em Vila Nova de Gaia, junto aos antigos armazéns de vinhos, o Yeatman está ligada à família britânica do mesmo nome, que iniciara o comércio dos vinhos do Porto em 1838. Hoje, os seus descendentes são ainda proprietários de três famosas empresas vinícolas durienses, constituindo o grupo Fladgate Partnership's, propriedade dos Yeatman e dos Fladgate, que gerem as marcas, na qual está a Porto Croft. A família Croft entrou para o negócio do vinho em 1736 ao comprar as quintas dos fundadores Phayre e Bradley, cuja actividade remontava ao longínquo ano de 1588. Entretanto, a Croft seria comprada pelos Gilbey em 1911, sendo actualmente propriedade dos Yeatman e dos Fladgate.

Em meados dos anos de 1990, os Yeatman abriram a primeira unidade hoteleira no Vale do Douro, dando grande impulso ao enoturismo local. Em 2006 deu-se a inauguração do hotel em Vila Nova de Gaia, onde organiza eventos regulares no âmbito da gastronomia, da enologia e do enoturismo.

A próxima edição e reunião anual do certame realiza-se entre 3 a 7 de Novembro em Mendoza, Argentina.





Descobrimos o vinho do ano na Mercearia da Lapa

Numa mercearia de Lisboa fomos encontrar o vinho do ano (para nós evidentemente, enquanto editores da revista Correo dos Vinhos). Provámo-lo na Mercearia Mimosa da Lapa, que à noite é um espaço cultural e de tertúlia, situado na Rua da Bela Vista à Lapa.

O vinho de que falamos é um modesto e anónimo Carvalhiça de 13,5 graus, da Beira Alta (Dão), ao preço de 13,5 euros o pack de 5 litros, o que dá menos de 2 euros a garrafa de 0,75 l. Portanto, a qualidade preço é uma grande surpresa e torna-o digno de integrar o ranking das revistas Wine Spectator e Wine Enthusiast.

Os inúmeros microclimas do país, associados ao sol, às orografias e às variedades geológicas dão origem a excelentes 'terroirs', ou seja as zonas propícias à vitivinicultura e as suas castas de uvas. E, diga-se que o aparecimento de vinhos em pequenas produções baixo dos 100.000 litros anuais é cada vez mais uma constante, já numa ocasião o dissemos na reportagem efectuada junto do casal anglo-alemão, perto das Caldas da Rainha onde descobrimos um belo Jaen.. em produções de 3.000 a 5.000 garrafas é óbvio que se obtém melhores colheitas a partir de pequenas produções, bem o sabemos. Mas este pormenor pode ser um dos fascínios dos vinhos portugueses.

Voltando à velha Mercearia, no acompanhamento deste **tinto Carvalhiça faziam parte entradas de queijo fresco de cabra, e pratos quentes bacalhau desfiado com feijão e lambuças ou tiras carne de porco com molho agri-doce de coentros em base de pão de Rio Maior cozido a lenha, embebido levemente em doce de morango, que muito agradaram aos tertulianos presentes** - nós, a poetisa Amélia Vieira, a professora Maria Júlia Andrade e o professor Henrique Levy (Universidade Autónoma de Lisboa).

A Mercearia Mimosa da Lapa foi fundada em 1932 (1) por Adão Dantas, tio de Manuel Dantas, o sobrinho de 13 anos que viera da Beira Alta trabalhar com o tio. A loja resistiria à evolução dos tempos, para há pouco mais dum ano se transformar à noite em espaço cultural polivalente - exposições de arte, colóquios e sobretudo



tertúlias, onde gente das letras, das artes e das universidades se encontram para tomar um bom tinto ou provar um saboroso petisco.

O interior divide-se em três zonas : a mercearia propriamente dita, aberta ao público no horário normal; uma sala ao lado com pequena galeria, mostrando as paredes em tosco, que revelam a gaiola pombalina - uma armação em madeira, guarnecida por massa e alvenaria da segunda metade do século XVIII, ou seja, a tecnologia usada na reconstrução de Lisboa, que também foi extensiva aos bairros da Lapa e da Estrela (2).

Sobre a história mais recente da Mercearia Mimosa da Lapa, tudo começou há mais de um ano, quando os dois sócios Tiago Veloso e Gabriel Garcia meteram mãos à obra e avançaram com um projecto cultural, ao mesmo tempo sustentado pelo cariz comercial durante o dia, sem perder a tradição daquela mercearia de bairro.

"A ideia de fundo era ter um espaço ligado à gastronomia portuguesa e lusófona em geral, num local onde também se vendem bicicletas novas ou em segunda mão, não

excedendo os 500 euros", explica Tiago Veloso, aludindo à componente cultural de vários conceitos, desde as **exposições, colóquios, teatro, café-concerto, "um espaço eclético"**. Para já, o espaço acolhe a Experimenta, sobre trabalhos artesanais de São Brás de Alportel, tendo prevista a Exposição Anual de Design de Lisboa. Embora fundada em 1932 por Adão Dantas, a mercearia seria herdada pelo sobrinho Manuel Dantas, que viera da Beira Alta aos 13 anos para trabalhar com o tio. Os actuais proprietários são o filho e a filha, que acolheram a ideia do novo espaço com agrado.

Vamos tomando algumas notas à medida que o gerente vai desbobinando a história, por vezes interrompida por algumas fotos, ou quando o cozinheiro, um angolano de cabelo à reggae, interrompe com algum relutância...aproveitamos para lhe lembrar que tudo faz parte da reportagem, como num filme de Andy Warhol. O cineasta americano quando filmava tinha por hábito incluir no guião todos os extras que surgiam, como por exemplo, se aparecia alguém com um telegrama ou algum recado.

De seguida passou-se ao tema da soirée daquela noite, um debate e declamação sobre poesia erótica em Portugal desde o século XII até à Antologia de Poesia Erótica coordenada por Natália Correia em 1962, e cuja edição acabaria apreendida, tendo-lhe sido movido um processo em tribunal. O resto desta 2ª parte o leitor poderá ler na rubrica tertúlias e boa vida.

(1) um ano antes do famoso filme de Cotinelli Telmo, a Canção de Lisboa, com Vasco Santana, Laura Alves, António Silva, entre outros, num elenco onde também entrava como actor o cineasta Manuel de Oliveira, fazendo papel de 'galã canastrão', como ele próprio já comentou publicamente.

(2) uma tecnologia usada na segunda metade do século XVIII, após o Terramoto, pelos ilustres engenheiros Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e do arquitecto Carlos Mardel para dar flexibilidade aos edifícios em caso de sismo. □





Poesia erótica portuguesa na Mercearia Mimosa

Amélia Vieira, poetisa com dez livros publicados e Henrique Levy, poeta e professor de Linguística da Universidade Autónoma de Lisboa, abriram na Mercearia Mimosa, à Lapa, a primeira sessão sobre Poesia Erótica, no âmbito do 1º Encontro Poetas à Conversa. O tema foi inspirado na Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica, uma obra seleccionada por Natália Correia e publicada em 1963 pelo não menos polémico editor Fernando Ribeiro de Melo.

O livro, com objectivo essencial de escandalizar o antigo regime e dar um safanão à censura prévia, viria a ser retirado do mercado escassas 24 horas após o lançamento, sendo os principais responsáveis levados a tribunal.

Para Henrique Levy, “os poetas sempre deram conta da realidade erótica. Para o poeta nenhuma palavra é proibida, nem do ponto de vista formal ou estético”

Porque é que nos rimos quando ouvimos um palavrão ou uma palavra mais inaudita? É importante reflectirmos sobre isso, pois não pode haver poesia proibida...e neste momento não há poetas proscritos, salientou. Depois, historiou um pouco a poesia erótica, desde o longínquo século XII até ao século XIX. Desde a Idade Média que “a eroticidade está inculcada na poesia portuguesa”, apontando o poeta do século XIII Afonso Enes de Couton.

No século XIX, apontou **Guerra Junqueiro, o único poeta com duas estátuas em Lisboa, e que travaria ao seu tempo um confronto pícaro e literário com Luz Soriano, este muito mais velho.**

“Luz Soriano tinha a fama de ser dotadíssimo e que frequentava figuras clericais, então Guerra Junqueiro ataca-o, com o poema erótico A Torre de Babel ou a porra do Soriano...os republicanos apesar de serem anticlericais eram extremamente conservadores”, comentou Levy.

Depois lia alguns poemas de António Botto, que Fernando Pessoa considerava o maior poeta de todo os tempo, à excepção de Camões. Botto acabaria por ser expulso da função pública nos anos 40, pela sua homossexualidade e por assédio a um colega. “Convertiu-se ao catoli-



cismo”, e viria a morrer atropelado no Brasil para onde emigrara.

Por seu turno, Amélia Vieira reportou-se à Antologia de Natália Correia, de 1963, um acto que “foi também para confrontar o regime político de então”, aludindo também ao livro ostracizado de Eugénio Melo e Castro.

A antologia, foi “feita à base do que podia dizer e não escrever, e fizeram a mais conspurcada poesia de que há memória, como atitude de vanguarda

e de mal-dizer”. E referiu “a herança genética que temos de obscenidades”...considerando Camões e Pessoa os únicos que não se revêem na temática do erotismo, “mas são duas excepções”.

“A poesia não pode ter limites e código moral”, diria ainda Amélia, sobre as repercussões do referido livro na sociedade lisboeta. “Os anos 60 eram tempos um pouco pesados devido à ditadura,” relatando o caso do julgamento em tribunal do editor Ribeiro de Melo e de Natália Correia, por causa da dita Antologia.

Acrescentaria também, Henrique Levy, que Ribeiro de Melo era editor das obras do Marquês de Sade, e que o juiz confundia com Marquês do Sado, o rio português. Natália tentava corrigir o juiz, dizendo que era de Sade e não do Sado. A certa altura, o juiz perde a paciência e diz ‘quero lá saber se é do Sado ou de Sade...isto é tudo uma pouca vergonha’! Então Natália dizia a chorar, ‘não me prenda Senhor Doutor Juiz, que não gosto de estar presa’, durante o julgamento que ficaria famoso nos meios literários portugueses

“Os poetas não têm época, porque eles focam a realidade. Por isso, a Florbela Espanca é o poeta mais vendido em Portugal por ser tão transversal, e lida por leitores dos 14 aos 80 anos”, remataria Henrique Levy, no final da tertúlia, encerrada com a declamação do poema Marinha, por Mariana, uma discese da assistência. □





CALENDÁRIO INTERNACIONAL DE FESTIVAIS DE VINHOS

O vinho tornou-se um produto sem fronteiras que povos e continentes partilham na afetividade e na cultura. O vinho veio unir afectos e despertar curiosidade de hábitos e costumes entre produtores e consumidores pelo mundo fora. Aumentou muito o número de colecionadores de vinho engarrafado, seja à procura de um bom Merlot argentino de Mendoza, ou encontrar um novo Rioja, ou um tinto no Douro, no meio do tradicional vinho do Porto.

Desta forma, os festivais de vinho tornaram-se encontros culturais, principalmente em países anglo-saxónicos, como o Canadá, EUA, Austrália, África do Sul onde também a gastronomia e a música estão presentes, como em Vancouver, Nova Orleães, ou no Hawai, e Melbourne. Enquanto na Europa cada coisa no seu lugar, as feiras limitam-se, para já, ao mundo agro-gastonómico. Olhemos alguns festivais a realizar em 2014:

- **Setellenbosch Wine Festival,**

24 Jan /2 Fev. , Capetowm, África do Sul

- **Washington D. C. International Wine & Food festival,** 15th



15th ANNUAL
WASHINGTON DC INTERNATIONAL
**WINE & FOOD
FESTIVAL**

13a 15 Fev, na capital federal dos EUA.

- **Boston Wine Expo 2014** Wine, Food & Culture

15/16 Fev, Boston, EUA

- **The International Exhibition of Mediterranean Wines and Spirites,**

24/26 Fev, Monplier, França

- **Vancouver International Wine Festival 36th,** 24

Fev/2Mar, Vancouver, Canadá

O certame terá França como tema principal

- **Melbourne Food & Wine Festival**



28 Fev/16 Mar, Austrália

- **Noosa International Food & Wine Festival**

15/18 Mar, Noosa Heds Lions Park, Austrália

- **28th Anual Sandestin Wine Festival**

10/13 Abril, Florida, EUA

- **Vinitaly 2014**

6/9 Abril, Verona , Itália

- **The New Orleans Wine & Food Experience,**



21/24 Maio, Louisiana, EUA

Considerado um dos 10 maiores festivais internacionais do género (gastronomia e vinhos) a nível mundial
Gastronomia, música, arte e vinhos de todo o mundo

- **6th China International Wine Exhibition and Guangzhou Wine Festival 2014**

27/29 Maio, China

- **34th London International Wine Fair**



2/4 Junho, Olympia center, Londres, Inglaterra.

- **Bordeaux Wine Festival 2014**

26/29 Junho, Bordeaux, França

Onde espera mais de 500 mil visitantes num local com mais de 12 hectares

- **4th Hawai'i Food & Wine Festival**



31 Ago /7 Set, Honolulu, Hawai

- **Budapest International Wine Festival**

10/14 Set. In Castle Hill, Budapeste , Hungria

- **International Wine Festival of Manitoba,**

18/20 Out, Manitoba, Canadá

- **Hong Kong Wine & Dine Month**

30 Out/30, Hong Kong

Evento gastronómico ao mais alto nível epicuriano, que junta os melhores vinhos do mundo, e um dos principais certames do género da Ásia

- **Denver International Wine Festival**

20/22 Nov, na capital do Colorado, EUA.

Nesta 10ª edição juntará um festival de gastronomia das Montanhas Rochosas



Herdade das Servas lança vinhos de Inverno

A Herdade das Servas, em Estremoz, lançou em Novembro três tintos a considerar: Reserva Alfrocheiro tinto 2010, uma casta original do Dão, que se adaptou bem ao Alentejo; Reserva Petit Verdot tinto 2010, um casta de Bordeaux, também adaptada a Estremoz, e o Reserva Syrah/Touriga Nacional tinto 2003, uma bicasta composta por Syrah (70%) e Touriga Nacional (30%).
Recorde-se que já em Abril de 2013, o então ministro dos Estrangeiros, Paulo Portas, oferecera ao seu homólogo japonês, em Tóquio, uma garrafa de Herdade das Servas Vinhas Velhas tinto 2009, produzido em Estremoz pela família Serrano Mira. Na altura, um dos irmãos Mira, Carlos, foi um dos empresários que integrou a missão diplomática portuguesa ao Japão.

Melhor Carta de Vinhos 2013 para Restaurante DOP (Porto)

Por iniciativa da Revista de Vinhos e colaboração da distribuidora Prime Drinks, decorreu a 4ª edição, do Concurso Nacional de Cartas de Vinhos, que este ano teve 52 restaurantes finalistas. O júri atribuiu treze prémios e nove menções honrosas. O certame realiza-se de dois em dois anos, e visa premiar os restaurantes de Portugal com a melhor carta de vinhos apresentada aos clientes. O vencedor absoluto foi o restaurante DOP, do Porto, ao ganhar o prémio Melhor Carta de Vinhos, seguido de Ill Gallo D'Oro, do Funchal, Madeira. Em 3º lugar foram ex-aequo o Ocean Gourmet (Porches, Algarve), e o Yeatman (Vila Nova de Gaia). O restaurante Paporico (Porto) foi distinguido com menção honrosa.

A Melhor Carta de Vinhos na categoria regional foi atribuída ao restaurante DOC, de Armamar, seguido do Cais da Villa (Vila Real, Trás-os-Montes), e 3º restaurante A Escola (Alcácer do Sal). Menções honrosas para Don Joaquim (Évora), Toca da Raposa (Ervedosa do Douro), Beef & Wines (Funchal) e TN Terra Nostra Garden Hotel (Furnas, Açores).

Na Melhor Carta de Vinhos a Copo, o vencedor foi a Taverna do 8 Ó 80, da Nazaré; 2º Yeatman (Vila Nova de



Gaia), 3º Sem Dúvida (Lisboa). Menções honrosas para Toca da raposa (Ervedosa do Douro), Vila Monte (Moncarapacho) e Shis (Porto). Na categoria Melhor Carta de Vinhos Relação Qualidade-Preço, o triunfo foi para a Toca da Raposa (Ervedosa do Douro), seguido de A Escola (Alcácer dos Sal) e 3º A Taverna da Adélia (Nazaré). Menções honrosas para Don Joaquim (Évora), e Taverna do 8 Ó 80 (Nazaré).

ProWein China 2013 com 40 mil profissionais

Mais de 40 mil profissionais de 50 países, ligados ao sector vinícola estiveram presentes nesta mostra de vinhos que decorreu em Novembro, no Shangai International Expo Center. O certame, vocacionado para profissionais, distribuidores e restaurantes, e juntou produtores da Argentina, Chile, Alemanha, Grécia, Itália, Portugal, Espanha, África do Sul e outros países. O maior contingente veio da França, mas produtores da China, Suíça e Turquia também revelaram grande atracção, entre os 4.283 expositores de 50 países.

A marca Ervideira representou o Alentejo, estando a sua entrada na China a ser intermediada por um distribuidor de Macau.

Com um total de 160 hectares distribuídos por Vidigueira (110 ha) e Reguengos (50 ha), a Ervideira produz 800 mil garrafas ano, sendo uma empresa secular em Portugal, desde 1880 e pertencente à família Leal da Costa, descendente do Conde da Ervideira, agraciado pelo rei D. Carlos.

Gastronomia de Inverno com bolota no Alentejo Marmoris Hotel

O Alentejo Marmoris Hotel em Vila Viçosa tem um novo chefe executivo de cozinha, Pedro Mendes, no restaurante Narcisus Fernandessi, tendo lançado uma nova carta gastronómica com pratos destinados ao Outono e

Inverno. A grande novidade reside na bolota como componente culinário do novo chefe de cozinha.

A nova ementa é composta por 19 pratos: seis entradas, três de peixe, quatro opções de carne e seis sobremesas de inspiração conventual. Com 39 anos, o novo chefe defende os pratos tradicionais, especialmente os mais ligados aos "terroirs" vinícolas, neste caso mais associados ao montado de sobreiros e de azinheiras, onde se destacam as bolotas!!! Assim, até Março de 2014, todos os passantes por Vila Viçosa poderão apreciar, acompanhados de vinhos locais, alguns pratos a saber: "Bolinhos de farinha e bolota com compota de cebola roxa" (€10,00) à entrada; uma interpretação do típico prato de cação "escalfado em caldo de algas, molho de tomate e poejes e croutons de pão alentejano" (€18,00); seguido de "Perdiz estufada em vinho do Porto e trufas negras, puré de batata, cogumelos selvagens e bolotas assadas" (€ 28,00); ou "Plumas de porco alentejano com carnes fumadas, batata frita com pickles e mostarda Dijon e amêijoas à Bulhão Pato" (€ 20,00); e, para finalizar, "Azevias de bolota e mel em algodão doce e crocante de canela" (€ 6,00). usam rolhas de cortiça, que detêm 70 % do mercado. Em 2011, o grupo Amorim vendeu 3,6 mil milhões de rolhas, ou seja, mais de 1/3 dos 12 mil milhões de rolhas de rolhas vendidas anualmente em todo o mundo.





WINE ENTHUSIAST

MAGAZINE

Dez vinhos portugueses no ranking da Wine Enthusiast

Em Outubro, a revista americana Wine Enthusiast distinguiu 10 vinhos portugueses no seu ranking anual das 100 melhores compras de 2013 (Top 100 Best Buys). Concorreram vinhos de 17 países e, a avaliação teve um tecto máximo de 15 dólares o preço da garrafa, ou abaixo desse valor.

O vencedor foi o francês de Bordeaux, Mayne Guyon 2011 Balye Côtes de Bordeaux, ao preço de 10 dólares. No 2º lugar veio o Quinta da Avelada (2012) um vinho verde a \$9; em 3º Kirkland Carneros 2011 (Napa, Califórnia) \$10; 4º Barnard Griffin 2012 Riesling (Clumbia Valley, Estado do Washington, \$10; 5º Scheiblhofer Andau Sweigeit 2010 (Burgeenland, Áustria) a \$13 a garrafa.



Os restantes vinhos portugueses premiados foram: 12º Casaleiro 2012 reserva (das castas Touriga Nacional, Castelão e Trincadeira) da região Vitivinícola do Tejo, a 9 dólares a garrafa; 16º Azul Portugal Bairrada tinto, 2008, a \$11; 20º um tinto da Adega Cooperativa de Reguengos de Monsaraz 2012 (Alentejo) \$10; 29º Bacalhoa Wines of Portugal 2011 Catarina (península de Setúbal), homenagem

a Catarina de Bragança (filha de D. João IV e D. Luísa de Gusmão) que foi rainha de Inglaterra, onde introduziu a tradição de tomar chá; 40º Quinta do Portal 2010 Mural Reserva, a \$12; 45º Fiúza 2011 Premium, (Touriga Nacional, Cabernet Sauvignon), Tejo, a \$15; 57º Quinta do Casal Monteiro Forma de Arte. Reserva 2009 (Touriga Nacional e Cabernet), Tejo \$15 ;74º Casa Cadaval 2010, Vinha Padre Pedro, casta Merlot, Tejo, a \$12; 86º Herdade do Esporão 2011 Verdelho Alentejano ao preço de 13 dólares, E note-se, que Portugal foi o terceiro país mais votado, com dez vinhos, a seguir à França (2º) com 15 e dos EUA(1º) com 30 vinhos.

Depois, veio a Itália(4º) com 9 vinhos premiados; a Espanha(5º) com 8 vinhos, a Argentina e o Chile com 6 vinhos cada; a Austrália e a Áustria com 3 vinhos cada; a Alemanha com 2, e depois com apenas 1 (um) vinho a Bulgária, Grécia, Eslovénia, Croácia, Hungria, Nova Zelândia e África do Sul.

Rolhas de cortiça avançam na Austrália

Portugueses extraem cortiça em Barossa Valley

Na mais famosa região vinícola australiana, Barossa Valley, um produtor de vinhos, Colin Gramp, procedeu à extracção de cortiça, 43 anos após ter plantado dezenas de sobreiros com o objectivo de produzir as rolhas para os seus vinhos e ser auto-suficiente.

Em Março de 2013, a imprensa noticiou em Março de 2013 o facto, quase despercebido, apesar do importante simbolismo para mercado corticeiro, e pela consciência ecológica deste vinhateiro australiano, Colin Gramp, , hoje com 93 anos. E aconteceu em Barossa Valley, a mais prestigiada região de vinhos da Austrália, a duas horas de carro da cidade de Adelaide, na província sul.

Tudo começou quando em 1970, aos 50 anos, Colin (bisneto do fundador da Orlando Wines, Johann Gramp) decidiu tornar a sua empresa

produtora das rolhas para os seus próprios vinhos. Colin fora um dos revolucionários da indústria vitivinícola na Austrália, ao introduzir o conceito de fermentação do mosto sob temperaturas controladas. E, com a plantação de cerca de 70 sobreiros, estava a dar os primeiros passos para tornar a sua quinta a única a produzir as suas próprias rolhas. Plantou sobreiros em três locais distintos de Barossa Valley, a maioria junto ao ribeiro Jacob's Creek. Passados 43 anos, os sobreiros viriam a ser descortiçados pela primeira vez, por intermédio de três portugueses especialistas.



Durante quatro dias, Frederico Lima Mayer, da Cork Supply Portugal, e os tiradores alentejanos Luís Jorge e António Dionísio, descortiçaram todas as árvores, 64 sobreiros, os quais apresentavam excelente vigor e saúde vegetativa".

Tendo em conta a estação seca na Austrália (correspondente ao final de Julho em Portugal), a tarefa revelou uma cortiça de grande qualidade, provando que o sobreiro português - *Quercus suber* - tem boas condições para lá vingar. A operação juntou a família Gramp, onde se incluía o patriarca, Colin e a cônsul-geral de Portugal na Austrália, Sofia Batalha.

Nos próximos nove anos, tempo que o sobreiro requer para formar a nova camada, o pequeno montado australiano voltará a ser alvo de extracção, num país que é o 7º produtor mundial.

A Orlando Wines faz parte do grupo francês Pernod Ricar, que em parceria com a filial australiana do Cork Supply, sob a chefia de Miguel Costa Alemão, organizaram esta primeira extracção de cortiça.





FICHA TÉCNICA - proprietário: A. Henriques do Vale; nº de contrib.: 149010877; registado na ERC com o nº 125946; sede da redacção: Rua Gonçalves Crespo nº36 /3º 1.200-Lisboa. direcção e redacção: Alvaro Vale; publicidade: Júlia Andrade; grafismo: Celina Botelho; site: José Pereirinha. www.correiodosvinhos.com; www.correiodos.vinhosepetiscos.com

Real Companhia Velha assinala centenário do Evel

A Real Companhia velha lançou o "Evel XXI" por ocasião do centenário desta marca, uma das mais carismáticas em Portugal. A efeméride foi assinalada com uma edição especial de 3.200 garrafas numeradas de tinto 2010, de alta qualidade, da responsabilidade do enólogo Jorge Moreira, ao preço de 40 euros.

Este vinho combina castas Vinhas Velhas, Touriga Nacional e Touriga Franca das quintas da RCV, situadas no chamado Alto Douro vinhateiro., O vinho em causa fermentou 50% em lagares de granito e outros 50% em cubas de aço inox, sob controle de temperaturas, estagiando durante 12 meses em barricas de carvalho francês nos armazéns da companhia em Vila Nova de Gaia.

A Real Companhia Velha foi fundada em 1756 por alvarás del-rei D. José I, também conhecida por Royal Oporto Wine Company. Actualmente, a companhia é detida em 65% pela família Silva Reis e pela Casa do Douro em 30%.



No fecho da edição

Alvaro Vale

O Exotismo do Vinho nos países BRICS

As classes médias dos Brics têm o desejo comum de adoptarem bons hábitos ocidentais e de charme. E comprar vinho reflecte maior poder de compra e status quo.

E definitivamente o vinho ganhou honras de estatuto social nos cinco países BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China, sendo a África do Sul um caso à parte, por que também produz bons vinhos..

Nos quatro primeiros Brics, por razões sociológicas, o consumo de novos produtos e, o acesso a bons vinhos e objectos de marca tornou-se num verdadeiro acto de bom gosto, sendo o vinho quase um ritual que não pode faltar a uma classe média emergente, com alguma cultura, contrariamente a um certo novo-riquismo de ostentação, que nada tem a ver com os valores deste estrato social. Interessa-lhe usufruir e saborear o bom gosto dos antigos padrões ocidentais -- um bom carro, um bom relógio, uma boa mala, uma boa caneta, um boa roupa de marca, um bom vinho, um bom azeite, fazer viagens, visitar museus. Ser como a classe média europeia, sobretudo dos países mais desenvolvidos, que marcaram os anos de ouro da antiga CEE.

E se a contrafação de marcas é hoje uma constante, seja em roupas, seja nas peças de automóveis ou inclusive em pesticidas e nalguns agro-alimentares, também foi extensiva aos vinhos, sobretudo de algumas regiões vinícolas mais conhecidas. O que favoreceu os vinhos portugueses, como alternativa e mais dignos de confiança.

A descoberta dos vinhos portugueses tornou-se aliciante para os apreciadores ocidentais, e por tabela para chineses, russos, brasileiros, indianos ou até angolanos, que vêm nos vinhos lusos qualquer coisa de mais atractivo e genuíno, quer pela latitude, quer pelas brisas atlânticas, quer por uma cultura ligada à presença dos Romanos e dos Árabes na Península Ibérica.

Em suma: os consumidores dos países Brics são também uma casta social sofisticada e esclarecida, tornando-se exímios e interessados em aspectos geográfico-culturais ligados à produção do vinho e do azeite. Neste caso, a periferia portuguesa tornou-se um bónus para a cotação dos vinhos portugueses, que só pecam pela falta de quantidade. O que existe não chega para as encomendas. É necessário produzir mais. E veja-se que a Espanha vende seis vezes mais à China que Portugal. Só no primeiro semestre de 2013 vendeu 36,1 milhões de euros (vide peça de fundo). Tal déclage não resulta só da dimensão territorial do país vizinho, mas por débito empresarial e sobretudo da má organização do território.

As Comissões Vitivinícolas regionais terão uma palavra a dizer sobre grandes propriedades abandonadas, seja na vinha, ou no olival, como se verifica na península de Setúbal, onde nas imediações da Serra do Louro e dos Barris, na Arrábida, ou a caminho do Poceirão, há vastas áreas de vinhedo e olival por rentabilizar. Um médio produtor de Palmela considera "uma missão impossível, mesmo que seja para arrendar", motivado pelas burocracias, e algumas propriedades "por não se saber quem são os donos".

UNIVERSIDADE DO MINHO

Chinês defendeu tese de mestrado sobre vinho português

O Vinho português é considerado uma "jóia" do mundo da agricultura europeia, lê-se na sinopse duma tese de mestrado defendida na Universidade do Minho pelo chinês Liu Cong, e subordinada ao título "A Cultura do Vinho, China e Portugal".

A defesa ocorreu em 2012 em Braga, num trabalho final de mestrado em Estudos Interculturais Português/ Chinês -Tradução, Formação e Comunicação, e teve a orientação da professora Sun Lam e do professor Luís G. Luís.

Dada a relevância do assunto, tanto para a economia portuguesa, como para as relações entre Portugal e China, transcrevemos com a devida vénia, o resumo da tese académica defendida por Liu Cong:

"Proponho este tema com o objectivo de analisar e comparar as culturas

do álcool na China e em Portugal. A aguardente báijiú, bebida alcoólica favorita entre os chineses, tem uma longa história e interessantes articulações com a antiquíssima cultura sínica, sobretudo na área da literatura, mas não só. Por outro lado, o vinho português, nos seus variados tipos, deve ser considerado uma "jóia" no mundo da agricultura europeia, e, à semelhança do que já referi, tendo em consideração as inúmeras conotações com a cultura portuguesa, a sua literatura, a sua história, mesmo religião. Através da comparação entre as culturas do álcool na China e em Portugal, estudo este contextualizado em considerações (necessariamente não exaustivas) que relevam da cultura, da arte, da sociedade, poderemos porventura melhor aprofundar alguma análise contrastiva das duas sociedades e culturas." □